

Realismo Maravilhoso No Brasil Insólito De Monteiro Lobato

MARVELOUS REALISM IN THE UNUSUAL BRAZIL OF MONTEIRO LOBATO

Nerynei Meira Carneiro **BELLINI**¹

Resumo: Saci-pererê, capturado pelo astuto Pedrinho, promete-lhe descortinar a vida noturna na mata por meio da contemplação de seres monstruosos e arredios, como: Iara, Jurupari, Boitatá, sem contar a já conhecida e cruel Cuca. A partir dessa proposição inicial, este trabalho pretende trazer à tona o mundo fantástico do escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) e a tessitura ficcional de personagens e seres mitológicos representantes do folclore nacional. Lobato foi um dos precursores ao recriar, literariamente, espaços, personagens e, sobretudo, figuras de monstros vigentes no imaginário popular em diferentes regiões do Brasil, isto é, sul, sudeste, norte, nordeste, centro-oeste. Analisando a presença e a urdidura de monstros do repertório cultural brasileiro, objetiva-se, ainda, identificar traços do realismo maravilhoso na obra *O Saci* (1958), de Lobato, bem como aspectos nacionais. A análise temático-formal, desse texto, estará embasada em considerações críticas de relevantes teóricos do fantástico, dentre eles, Todorov, Lovecraft, Carpentier, Chiampi, Furtado, Roas. Os resultados esperados consistem na identificação do tipo de fantástico que se realiza em Lobato e na representatividade literária de monstros genuínos da cultura brasileira, assim como seus possíveis efeitos sobre o leitor.

Palavras-chave: Seres monstruosos. Monteiro Lobato. Tessitura. Realismo Maravilhoso. Cultura Brasileira.

Abstract: Saci Pererê, captured by the smart boy Pedrinho, promises him to uncover the nightlife in the woods through the contemplation of monstrous and sheepish beings, as Iara, Jurupari, Boitatá, not to mention the already known and cruel Cuca. From this initial proposal, this work aims to bring out the fantastic world of Brazilian writer Monteiro Lobato (1882-1948) and the fictional organization of characters and mythological beings representatives of national folklore. Lobato was one of the precursors to recreate, literarily, spaces, characters, and especially figures of monsters present in the popular imagination in different regions of Brazil, that is, south, southeast, north, northeast, midwest. Analyzing the presence and plot of monsters in Brazilian cultural repertoire, this article also aims to identify traces from the marvelous realism in the work *O Saci* (1958), by Lobato, in the national aspects. The theme-formal analysis of the text, will be based on critical considerations by relevant theorists from fantastic literary school, including, Todorov, Lovecraft, Carpentier, Chiampi, Furtado, Roas. The expected results consist of identifying the type of fantastic being held in Lobato's work and literary representation of genuine monsters of Brazilian culture, as well as their possible effects on the reader.

Keywords: Monstrous beings. Monteiro Lobato. Textual organization. Marvelous Realism. Brazilian Culture.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis-SP. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Jacarezinho. Endereço eletrônico: nerynei@uenp.edu.br.

Este trabalho pretende trazer à tona o mundo fantástico do escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) e a tessitura ficcional de personagens e seres insólitos, tais como, Saci-Pererê, Jurupari, Iara e Boitatá, representantes do folclore nacional. Lobato foi um dos precursores ao recriar, em vastíssima e exímia produção literária, espaços, personagens e, sobretudo, figuras de monstros vigentes no imaginário popular em diferentes regiões do Brasil, a saber, sudeste, sul, norte, nordeste, centro-oeste.

Analisando a presença e a urdidura de monstros do repertório cultural brasileiro, objetiva-se, ainda, identificar traços do realismo maravilhoso na obra lobatiana *O Saci* (primeira edição em 1921), bem como aspectos nacionais na recriação do escritor paulista de seres monstruosos.

A análise temático-formal estará embasada em considerações críticas de teóricos do fantástico, dentre eles, Todorov, Lovecraft, Carpentier, Chiampi, Furtado, Roas. O trabalho estará respaldado, ainda, em acepções de Piai e Paccini, sobre o folclore brasileiro e de Zilberman, a respeito da feitura lobatiana. Pretende-se, assim, identificar o tipo de fantástico que se realiza em Lobato e na representatividade literária de monstros genuínos da cultura brasileira, assim como seus possíveis efeitos sobre o leitor.

Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, no interior do estado de São Paulo, Brasil, em 1882 e faleceu em 1948. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se a organizar sua vasta produção. Escreveu o primeiro livro, *A Menina do Narizinho*, dedicado ao público infantil, em 1921, e o último, *Os doze trabalhos de Hércules*, em 1944. Seguem alguns dados biográficos:

José Bento de MONTEIRO LOBATO – Romancista, contista e jornalista brasileiro, nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo, e faleceu em 4 de julho de 1948, no mesmo Estado. Após estudar nos colégios Coração de Jesus e Dr. Quirino, de Taubaté, transferiu-se para São Paulo, concluindo os preparatórios do Instituto Ciências e Letras. Matriculou-se em seguida na Faculdade de Direito local, onde se bacharelou. Exerceu o cargo de Promotor Público, em Areias. De volta a São Paulo, fundou a empresa editora Monteiro Lobato & Cia, fracassando neste empreendimento. Limitou-se então a escrever peças de literatura infantil à firma sucessora de sua empresa e para a imprensa, que lhe deve uma colaboração substancial e riquíssima. Como Adido Comercial, partiu em 1927 para os Estados Unidos da América do Norte, em busca da prosperidade industrial do petróleo e do ferro. Em 1932 retornou ao Brasil iniciando uma campanha rumorosa, apontando a exploração conscienciosa desses produtos como o único caminho capaz de levar os brasileiros a uma era de maior bem estar. Devido a isso, foi preso temporariamente. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras, recusou a honraria. Entretanto, era titular da cadeira nº 39 da Academia Paulista de Letras, na vaga de Pedro de Toledo, tendo como patrono Gabriel Rodrigues dos Santos. A fim de dirigir os trabalhos de tradução e publicação das suas obras, foi para a Argentina, em 1945, apresentar seus trabalhos a uma editora daquele país. Dentre suas publicações estão: *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Negrinha*, *O Macaco que se fez Homem*, *Problema Vital*, *Mundo da Lua*, *América*, *O Choque*, *Na Antevéspera*, *Mr. Slang e o Brasil*, *Memórias de Emília*, *Emília no País da Gramática*,

além de inúmeras traduções. [...]. Suas obras têm sido traduzidas para quase todas as línguas e continua inspirando sentimentos nacionalistas. (Disponível em: <<http://www.biografia.ahistoria.com.br/monteiro-lobato-resumo-obra-e-vida/>>[Acesso em: 01/12/2014])

O escritor paulistano foi um dos grandes nomes da literatura brasileira, nas palavras de Zilberman (2005), o “primeiro grande autor para a infância brasileira” (p.26), com projeção internacional devido à, dentre outros motivos, ser um dos primeiros a engendrar obras que recuperassem traços geográficos, sociais e, especialmente, culturais do Brasil. Apesar desse procedimento, Lobato, contudo, soube valorizar as influências externas no âmbito literário, conferindo nova roupagem à literatura clássica, por exemplo, com a obra *Os doze trabalhos de Hércules*. O valor reconhecido desse escritor, acima de tudo, se dá por meio de seu projeto literário de escrever histórias, genuinamente, voltadas para o público infantil a fim de recriar seus aspectos peculiares, bem como seus anseios e vivências, por meio do imaginário.

As personagens de Lobato, por isso, são criadas a partir de mitos, lendas, contos folclóricos, epopeias, enfim, de narrativas decorrentes da tradição oral, e, as quais, em suas habilidosas mãos, ganham especificidades e novas significações. O universo desses seres ficcionais, sobretudo, aproxima o universo fantástico do mundo do leitor e permite-lhe traçar conjecturas e fazer associações frutíferas ao seu desenvolvimento psíquico e cognitivo.

Nesse sentido, Bruno Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (1978), defende a importância da fantasia e do fantástico para a maturação da criança. Ao contrário das muitas concepções vigentes na época do escritor psicanalítico de que o imaginário dos contos de fadas seria nocivo aos leitores infantes, uma vez que o alienaria no mundo real, o autor defende que a fantasiosa retratada nos contos, por meio de personagens, ações e espaços, daria substrato para o equilíbrio e desenvolvimento do leitor. Os símbolos do insólito, subjacentes aos textos, a nosso ver, promoveriam identificações e catarses no leitor, contemplando, em um primeiro momento, seu horizonte de expectativas, para em outro instante, rompê-lo e ampliá-lo, conforme pressupostos sobre o Método Recepional de Leitura (1973), de Bordini e Aguiar, exposto em *Literatura: a formação do leitor* (alternativas metodológicas).

Na abertura da obra *O Saci* (1958), de Monteiro Lobato tem-se a descrição, pormenorizada, do sítio do Pica-Pau Amarelo onde ocorrem as peripécias fantásticas do enredo. Embora o lugar seja descrito com características veristas não é possível localizá-lo empiricamente, pois o sítio é um mundo independente e autossuficiente, onde tudo pode acontecer, inclusive, o improvável. Pela fauna e flora retratadas, paradoxalmente, pode-se dizer que o sítio fica no Brasil, ou ainda, “que ele é o Brasil”, conforme afirmou Zilberman (2005, p.27).

A pesquisadora brasileira, que foi professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, explica, em sua obra *Como e por que ler a literatura infantil brasileira* (2005), a relevância e contribuição da produção de Lobato para o acervo literário brasileiro e, quiçá, mundial.

[...] ele [Monteiro Lobato] deseja que o sítio mostre como o Brasil é (ou foi, nas primeiras décadas do século XX) – o predomínio da economia agrícola, a decadência do mundo rural, o atraso da mentalidade das pessoas que vivem no campo. De outro, o lugar expressa o que Lobato deseja para o Brasil inteiro, a saber, a possibilidade de modernização, crescimento e fortuna graças à exploração das riquezas minerais, em especial, do petróleo. (ZILBERMAN, 2005, p. 28)

A assertiva da escritora revela a preocupação de Lobato com os aspectos genuinamente nacionais os quais se encontram implícitos em suas obras, por isso, mais adiante, expõe: “o sítio é brasileiro, como se fosse uma representação idealizada de nossa pátria. Em outras palavras, é o Brasil conforme o desejo de Lobato, um Brasil sonhado, mas sempre um Brasil” (ZILBERMAN, 2005, p.29-30).

O enfoque que Lobato conferia ao Brasil revela seu instinto de nacionalidade que, segundo a professora gaúcha, é bastante peculiar, pois “o escritor foi, desde os primeiros livros, como *Urupês*, de 1918, um ferrenho crítico das mazelas nacionais; mas nunca deixou de colocar o país no centro de seu pensamento, procurando verificar o que era melhor para a população” (ZILBERMAN, 2005, p.29-30).

A história da literatura infantil brasileira revela que as primeiras produções firmaram-se em temas, figuras e processos do conto de fadas, baseadas na tradição da Europa, cuja consolidação respaldava-se na matéria folclórica. Apesar de sofrerem tal influência, os escritores brasileiros começaram a investigar caminhos mais independentes da literatura europeia, nacionalizando essa vertente. Por isso, resolveram encaminhar a atenção para a mesma modalidade, mas privilegiando o que estava enraizado na história da cultura do Brasil.

Não obstante, o folclore apresentou-se uma alternativa atraente, e alguns escritores, como Monteiro Lobato, souberam, muito bem, extrair o melhor das histórias, em sua origem, transmitidas por meio da oralidade, desenvolvendo, assim, o veio até então pouco explorado. A obra lobatiana *Histórias de Tia Nastácia*, de 1937, está embasada nos *Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero, de 1885, com fins a valorizar o folclore nacional.

A etimologia da palavra folclore vem dos dois termos em inglês: *folk*, que significa povo e *lore*, conhecimento, saber. Portanto, diz respeito a um conjunto de manifestações artísticas, provenientes de certo povo, que identifica suas tradições, conhecimentos, adivinhações,

provérbios e superstições, expressando o caráter tradicional popular transmitido de geração para geração. O dicionário Houaiss define, ainda, folclore como “a ciência das tradições, dos usos e da arte popular de um país ou região” (HOUAISS, 2009, p.911).

As professoras Arlete Piai e Maria Júlia Paccini em seu livro *Viajando pelo Folclore de norte a sul* (2004), afirmam, na apresentação da obra, que:

O folclore é totalmente diverso de um país para outro e varia também dentro do mesmo país. Essa mutação ocorre pela diversidade cultural, de origem e costumes nascidos basicamente da diversificação da etnia. Assim, no Brasil, o folclore foi resultado da união da cultura a partir da miscigenação de três povos: o africano, o indígena brasileiro e o europeu. Mas há certa identidade folclórica regional resultante basicamente da influência de cada um desses povos formadores do Brasil. (PIAI e PACCINI, 2004, p.5)

Essa identidade folclórica nacional é encontrada na obra *O saci* (1958) de Monteiro Lobato cujo ser sobrenatural saci é descrito por tio Barnabé a Pedrinho (personagens lobatianos representantes de raças diferentes), a partir da pergunta do menino ao idoso, que tinha mais de oitenta anos, segundo o narrador heterodiegético, na concepção de Genette.

___ Então conte. Que é afinal de contas, o tal saci?
E o negro contou tudo direitinho.

___ O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci, fica por toda vida senhor de um pequeno escravo. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.185)

Segundo as pesquisadoras Piai e Paccini, a figura insólita do Saci-Pererê originou-se no Sudeste do Brasil. Ambas as professoras, ao localizarem geográfica e demograficamente a região Sudeste, descrevem-na como:

Formada pelos Estados do Espírito Santo, que tem como Capital Vitória – maior porto de minério do País; Rio de Janeiro, capital Rio de Janeiro – cartão postal do Brasil; Minas Gerais, capital Belo Horizonte – a capital do ferro e do aço; São Paulo, capital São Paulo – o motor do desenvolvimento brasileiro. No século XVIII a mineração atraiu grandes contingentes demográficos de várias partes do País, aumentando consideravelmente a população da região. Além disso, acarretou a vinda de muitos portugueses da Europa, atraídos pelo ouro. O café também exerceu grande atração demográfica, fixando nas terras do Sudeste a população negra e, mais tarde, a população imigrante assalariada. Entre os imigrantes, os que mais se destacaram nesse período foram os portugueses, italianos, espanhóis e alemães, espalhando-se principalmente pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Localiza-se no Estado de São Paulo a principal concentração de orientais no Brasil, destacando-se como grupo mais numeroso o dos japoneses. (PIAI e PACCINI, 2004, p.57)

A origem histórica da figura do Saci, por suas características físicas e morais, pode conotar a época do Império no momento da escravidão e de suas consequências atroz, desencadeando imagens estereotipadas do afrodescendente, ladino e arisco, por parte dos senhores e feitores de escravos, pois é associado àquele que está em toda parte praticando peraltices. Na ocasião da escravatura, o escravo, subtraído abrupta e brutalmente, de sua terra e do convívio de seus familiares, provavelmente, necessitava de artimanhas para burlar a situação opressora e violenta na qual se encontrava. Talvez, por isso, a caracterização do Saci como aquele que, mesmo desprovido de um membro do corpo, a perna, consegue saltar agilmente e efetuar façanhas sorrateiramente.

Em Monteiro Lobato a imagem do menino-diabo traquina, configura-se um monstrinho de mãos furadas, que encarna o imaginário do povo, conforme as palavras de tio Barnabé: “Tem as mãos furadinhas bem no centro da palma; quando carrega brasa, vem brincando com ela, fazendo ela passar de uma para a outra mão pelo furo” (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.188). O saci lobatiano, além de conotar astúcia e peraltice também demonstra um conhecimento profundo dos eventos e seres da floresta, o que pode estar associado à ideia do saber popular. Nesse sentido, é o saci quem filosofa a Pedrinho sobre a existência dos monstros e, na sequência, explica suas origens e apresenta-os ao menino, neto de D. Benta, a erudita proprietária do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Na conversa do Saci com Pedrinho, há indagações sobre o medo e os monstros, conforme se apreende do seguinte diálogo:

O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

— Sei, sim. O medo vem da incerteza.

— Isso mesmo – disse o saci. A mãe do medo é a *incerteza* e o pai do medo é o escuro. Enquanto houver escuro no mundo, haverá medo. E enquanto houver medo, haverá monstros como os que você vai ver.

— Mas se a gente vê esses monstros, então eles existem.

— Perfeitamente. Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.225-226)

As palavras do Saci, quanto à incerteza nutrir o medo e esse gerar os monstros, vão ao encontro da proposição de Todorov sobre a vigência do fantástico, ou seja, a necessidade de haver hesitação, por parte dos personagens e, conseqüentemente, dos leitores que com eles se identificam, como fator decisivo à sua realização. Todorov (1975) afirmou que o fantástico “é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (p.16).

A sabedoria do saci revela uma inter-relação interessante entre o medo e os monstros o que torna difícil, a princípio, dissociar e resolver este imbróglio, isto é, o medo cria os monstros, ou os monstros geram o medo? Na sequência, o saci, esclarece seu pressuposto, explicando a Pedrinho o seguinte:

Aquela filosofia do saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

— Basta, amigo saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do medo que você conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do medo.

— Se há! – exclamou o saci. Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem. Não têm conta o que lhes sai da imaginação. As mitologias daqueles velhos povos estão cheias de terríveis criações do medo. Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo, não só dos índios chamados aborígenes, como dos negros que vieram da África. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.226)

O personagem insólito lobatiano ratifica pressupostos caros aos estudos sobre o insólito artístico, ou seja, de que as Américas estão, naturalmente, povoadas de seres e eventos sobrenaturais e de que tal fato ocorre tanto em decorrência de sua pluralidade geográfica quanto demográfica. Nesse sentido, Carpentier foi precursor ao definir o termo realismo-maravilhoso defendendo que o real maravilhoso é o insólito cotidiano, encontrável em estado bruto, latente; onipresente em todo universo latino-americano, desde os primórdios da história da Conquista da América até os dias atuais.

Com ênfase na produção insólita literária da América hispânica, atrelada a fatores históricos, a professora e pesquisadora Irlemar Chiampi diz que a ideologia vigente nas Américas favoreceu o realismo maravilhoso. As Américas, portanto, especificamente, a América do Sul, onde se localiza o Brasil, por sua exuberância e diversidade de plantas e animais, configurou-se, na ótica, dos colonizadores um lugar exótico e, até mesmo, mítico. Defendemos, por isso, que o insólito em Lobato está mais para o realismo maravilhoso (na terminologia empregada por Chiampi) do que para o fantástico puro, na concepção de Todorov.

Contudo, é preciso ratificar a formação desse maravilhoso, especificamente, do monstruoso, suscitado pela herança cultural de outros povos constituintes do homem brasileiro, no caso, os negros, os indígenas e o europeu. Esse último traz em sua bagagem tradições milenares, como bem o revelou Lovecraft em suas considerações teóricas-críticas sobre a origem do sobrenatural do terror, no capítulo *Las albores del cuento de horror*, do livro *El horror en la literatura* (1984):

Como es lógico esperar de un género tan estrechamente relacionado con las emociones primitivas, el cuento de horror es tan viejo como el pensamiento y el lenguaje humanos.

El terror cósmico aparece como un ingrediente del folklore más antiguo de todas las razas, y cristaliza en las baladas, crónicas y textos sagrados más arcaicos. En efecto, constituyó una característica destacada de la complicada magia ceremonial, con sus ritos para la invocación de demonios y espectros, que floreció ya en tiempos pre-históricos, y alcanzó su máximo desarrollo en Egipto y en las naciones semíticas. (LOVECRAFT, 1984, p.13)

As influências da cultura de outros povos na formação dos monstros brasileiros percebem-se na personagem lobatiana, Cuca, uma bruxa velha com cabeça de jacaré e voz assustadora, que segundo a lenda, devora criancinhas desobedientes. A propósito, a palavra cuca, na língua tupi, significa tragar ou engolir de uma só vez. Conforme dados do site: <http://www.suapesquisa.com/folclorabrasileiro>, a lenda surgiu na Espanha e Portugal, onde recebe o nome de Coca. Nesses países, era representada por um dragão que havia sido morto por um santo. A figura aparecia principalmente nas procissões. A lenda teria chegado ao Brasil junto com os portugueses durante o período da colonização. Foi nas obras do escritor brasileiro Monteiro Lobato que a personagem Cuca ganhou popularidade. O narrador do livro *O saci* descreve o monstro:

Estava sentada diante duma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as “folhagens” lhe vissem a carantonha em toda a sua horrível feiura. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Quanto à idade, devia andar para mais de três mil anos. Era velha como o Tempo. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.258 – grifo do autor)

É bem provável que essa versão da cuca, um ser metade bruxa, metade jacaré, sofra influência da região pantanosa do Brasil, Pantanal Mato-grossense no centro-oeste, em cuja fauna há jacarés. No folclore brasileiro, na região nordeste, há um monstro semelhante à Cuca, ou seja, a Cabra-Cabriola, terrível criatura que captura crianças malcriadas e desobedientes. Ela entra nas casas ao farejar que lá dentro, tem infante que não obedece aos pais ou urina na cama.

Outros seres monstruosos, que causam terror no interlocutor, bem como a influência de outras raças na constituição do imaginário popular brasileiro são descritos em outros trechos dessa obra de Lobato:

Pedrinho lembrou-se do tio Barnabé, que era africano.

— Tio Barnabé, por exemplo – disse ele – é um danado para saber essas coisas. Conhece todos os filhos do medo. Foi ele quem me explicou o caso dos sacis. Conte-me no que é que os índios acreditavam.

— Os índios, começou o saci, não usavam durante a noite aquelas luzes que Doa Benta usa lá no Sítio – aqueles lampiões de querosene. Nem usavam a luz elétrica que há nas cidades. Só usavam fogueirinhas de pouca luz e por isso o

medo entre os índios era grande. Quanto maior o escuro, maior o medo; e quanto maior o medo, mais coisas a imaginação vai criando. Já ouviu falar no Jurupari?

___ Não...

___ Pois é o diabo dos índios, o espírito mau que aparece nos sonhos e transforma os sonhos em pesadelos horríveis. Insônia, mal-estar, inquietação, tudo que é desagradável, vem desse Jurupari.

___ Mas como é ele?

___ Um espírito sem forma. Um espírito mau que se diverte em agarrar os que estão dormindo e causar-lhes todos os horrores dos pesadelos. E parece que segura as vítimas pela garganta, porque elas esperneiam e se debatem, mas não podem gritar. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p. 27)

Jurupari cuja etimologia provém do tupi-guarani *yupa'ri* quer dizer diabo, entre os indígenas (HOUAISS, 2009, p.1140), um ser que se diverte angustiando os índios no momento em que estão mais vulnerais, ou seja, no sono. Nos primórdios da colonização brasileira, índios, de distintas tribos, que viviam na costa leste do Brasil, para fugirem da condição de escravos a que eram submetidos, adentraram o interior, as regiões centro-oeste e norte e lá se refugiaram, principalmente, na floresta Amazônica, onde há tribos indígenas até os dias atuais.

Na história do Brasil, sabemos que por volta de 1748, os bandeirantes (sertanistas do Brasil Colonial, a saber, portugueses e espanhóis), desbravaram o interior do Brasil e encontrando muitas tribos, cujo contato quase sempre ocorreu de modo hostil e que disseminou várias lendas e mitos. A respeito da região Norte as professoras Piai e Paccini expõem:

Uma das maiores e mais belas criações da natureza. A Região Norte, maior área verde do planeta, é o Brasil do encanto e do mistério, guardando fascinação, segredos e os perigos do mundo selvagem. É formada pelos Estados de Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins. Constitui a região mais extensa; corresponde a quase metade do Brasil e é pouco povoada. (...). Nas matas das florestas e nas reservas habitam os índios. Ao longo dos rios vivem os caboclos ribeirinhos. O caboclo amazônico tem a mistura do branco, do índio e do africano que fez nascer um folclore cheio de encantos. As lendas da região norte têm seu berço na mãe natureza: na rica vegetação, nos peixes, nos pássaros, nas misteriosas águas de seus rios... A fartura e a beleza regional são fonte de inspiração de poetas e da literatura popular do seu povo. (PIAI e PACCINI, 2004, p.5)

É nessa exuberante e viçosa região que surge a lenda da Iara, um ser sobrenatural, que enfeitiça os homens, com seu belo olhar e mavioso canto, para conduzi-los a um encontro fatal nas águas do rio Amazonas.

Também conhecida como a “mãe das águas”, Iara é uma personagem do folclore brasileiro. A palavra Iara é de origem tupi e significa “aquela que mora na água”. De acordo com a lenda, de origem indígena, Iara é uma linda sereia (corpo de mulher da cintura para cima e de peixe da cintura para baixo) morena de cabelos negros e olhos castanhos. A lenda conta que a linda sereia fica nos

rios do norte do país, onde costuma viver. Passa grande parte do tempo admirando sua beleza no reflexo das águas, brincando com os peixes e penteando seus cabelos com um pente de ouro. Nas pedras das encostas, costuma atrair os homens com seu belo e irresistível canto, que ecoa pelas águas e florestas da região. As vítimas costumam seguir Iara até o fundo dos rios, local de onde nunca mais voltam. Os poucos que conseguem voltar acabam ficando loucos em função dos encantamentos da sereia. Neste caso, conta a lenda, somente um ritual realizado por um pajé (chefe religioso indígena, curandeiro) pode livrar o homem do feitiço. Contam os índios da região amazônica que Iara era uma excelente índia guerreira. Os irmãos tinham ciúmes dela, pois o pai a elogiava muito. Certo dia, os irmãos resolveram matar Iara. Porém, ela ouviu o plano e resolveu matar os irmãos, como forma de defesa. Após ter feito isso, Iara fugiu para as matas. Porém, o pai a perseguiu e conseguiu capturá-la. Como punição, Iara foi jogada no rio Solimões (região amazônica). Os peixes que ali estavam a salvaram e, como era noite de lua cheia, ela foi transformada numa linda sereia.

Disponível em:

<http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_iara.htm> texto adaptado. Acesso em: 01/12/2014 (grifos originais).

Em *O saci*, Pedrinho pede ao ser mágico que lhe mostre alguns monstros tipicamente brasileiros, isto é, a Iara e o Boitatá, cuja configuração provém de regiões diferentes do Brasil. No caso a Iara, deusa das águas doces, embora originária da região Norte, pode ser vista nas águas do Sítio do Pica-Pau Amarelo, pois o espaço do sítio é, antes de tudo, o lugar mágico, onde tudo pode ocorrer. Quanto ao Boitatá, na obra, é elucidado que vem da região Sul do Brasil.

___ A Iara pode – respondeu o saci – porque há uma que mora por aqui em certo ponto do rio; mas Boitatá, não. Só existe lá pelo Sul.

___ Como é?

___ Pois o Boitatá é um monstro muito interessante. Quase que só tem olhos – uns olhos enormes, de fogo. De noite vê tudo. De dia não enxerga nada – tal qual as corujas. Dizem que certa vez houve um grande dilúvio em que as águas cobriram todos os campos do Sul, e o Boitatá, então, subiu ao ponto mais alto de todos. Lá fez um grande buraco se escondeu durante todo o tempo do dilúvio. E tantos anos passou no buraco escuro que seu corpo foi diminuindo e os olhos crescendo – e ficou como é hoje, quase que só olhos. Afinal as águas do dilúvio baixaram e o Boitatá pode sair do buraco, e desde esse tempo não faz outra coisa senão passear pelos campos onde há carniça de animais mortos. Dizem que às vezes toma a forma de cobra, com aqueles grandes olhos em lugar de cabeça. Uma cobra de fogo que persegue os gaúchos que andam a cavalo de noite. (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.230)

A descrição do personagem lobatiano traz características geográficas do Sul do Brasil, a saber, os pampas gaúchos, com sua amplidão de pastos e muitas águas. Piai e Paccini escrevem sobre tal região:

A Região Sul é a menor das regiões brasileiras. Conta com apenas três unidades da Federação, todas elas litorâneas: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em virtude das condições climáticas e riqueza de suas águas, apresenta-se bem alimentada pelas chuvas, o que possibilitou grande potencial hidrelétrico. Destaca-se a usina hidrelétrica de Itaipu, a maior do mundo, considerada pela Unesco patrimônio da humanidade. As cataratas de Foz do Iguaçu formam as maiores e mais belas quedas d'água do planeta. A ocupação da Região Sul foi muito diferente das outras regiões do Brasil. Em 1808, com a vinda da família real, o País começou a se abrir para a imigração europeia que era atraída pelo clima frio, pela viagem gratuita e pelos instrumentos agrícolas que recebiam. Os primeiros a chegar foram os portugueses, seguidos pelos alemães, italianos, poloneses e ucranianos. Mais tarde chegaram os japoneses e holandeses em busca de terra roxa para plantio dos cafezais (PIAI E PACCINI, 2004, p.81).

A descrição que o saci faz do monstro Boitatá, ademais de revelar os traços regionalistas, mostra a credence popular, que dava uma explicação mítica para um fenômeno científico, recuperada por Pedrinho quando afirma: “- Eu sei dessa história. É fogo-fátuo. Vovó já nos explicou que esses fogos são fosforescências emitidas pelas podridões” (MONTEIRO LOBATO, 1958, p.231-232). Quanto a essa contraposição entre saber popular e científico, as considerações de Zilberman, sobre o ponto de vista de Lobato, problematizam a questão:

Lobato manifestou contrariedade em relação às orientações dadas à representação do “povo”, criticando a leniência e benignidade com que sua criatividade e personagens eram entendidos. Talvez *Histórias da Tia Nastácia*, encarado na perspectiva da “correção política”, importante aos olhos de hoje, pareça preconceituoso e cruel; mas, andando na contramão das ideias vigentes no final da conturbada década de 1930 [Estado Novo de Getúlio Vargas], talvez Lobato tenha-se arriscado mais e desafiado com mais vigor o poder do Estado que seus confrades, ainda quando as personagens populares encontráveis nas obras desses pareçam ter sido objeto de maior simpatia e consideração. (ZILBERMAN, 2005, p.94-grifos da autora).

Zilberman explica, ainda, que Lobato foi um homem de seu tempo, posicionando-se quanto aos desmandos políticos da época e, nesse sentido, ousou mais que seus contemporâneos. A imbricação do real com o insólito parece-nos reiterar a tese do realismo maravilhoso nas obras do escritor paulistano tanto quanto à criação das personagens quanto do ambiente. O espaço do sítio, de modo paradoxal, assemelha-se a uma próspera fazenda de café, da década de 20 do século XX, referência essa que aponta para a histórica fartura do café brasileiro nesse contexto. Mas que, sobretudo é o lugar mágico onde tudo pode acontecer. A propósito, Furtado vai dizer que, no fantástico, o sobrenatural (meta-empírico) emerge e fixa-se no cotidiano, como uma estratégia cara a sua composição:

[...] na narrativa fantástica, o espaço familiar da natureza circunscreve sempre a maior parte da acção, constituindo a regra aparente do mundo fictício em que o fenômeno meta-empírico se insinua [...] [visa a] recorrer sobretudo a processos descritivos tendentes a acentuar os traços “realistas” do mundo material nele representado. (FURTADO, 1980, p.126-grifos do autor)

O escritor brasileiro Monteiro Lobato soube, como poucos, habilmente tratar do Brasil, recriando suas lendas e folclore, conferindo-lhes novas significações, combinando muito bem, o real com o imaginário e, por isso mesmo, despertando efeitos singulares no leitor. Nesse sentido, encerro este trabalho com as palavras de Fernández, cuja teoria foi sistematizada e debatida pelo professor e pesquisador David Roas em seu livro *Teorías de lo fantástico* (2001):

La transformación de lo cotidiano en inverosímil – con frecuencia por medio de su exageración – y la utilización eficaz por medio de un narrador imperturbable de sucesos increíbles. Relacionada con el relato oral y con la imaginación infantil, esa manera de narrar insiste en ser el testimonio de una mentalidad no coartada por el racionalismo. De esa mentalidad, en resumidas cuentas, fue manifestación el realismo mágico, que parecía dar la razón a quienes pensaban que las culturas más creativas (literariamente) eran aquellas que se encontraban más próximas a los orígenes, las que aún conservaban vivo su caudal de mitos y de leyendas derivadas de los mitos. (FERNÁNDEZ apud ROAS, 2001, p. 291-292)

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor* (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Editorial, 1993.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CARPENTIER, Alejo. Prólogo. *El reino de este mundo*. La Habana: Letras Cubanas, 1949.
- FURTADO, Felipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Arcádia, 1979.
- HISTÓRIA E BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO – RESUMO OBRA E VIDA, (2013). Disponível em: <<http://www.biografia.ahistoria.com.br/monteiro-lobato-resumo-obra-e-vida/>> [Acesso em: 01/12/2014].
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LENDA DA IARA. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_iara.htm. (texto adaptado). [Acesso em: 01/12/2014].
- LENDAS FOLCLÓRICAS. Disponível em: <<http://lendasfolcloricas.blogspot.com.br/2013/03/lendas-regiao-nordeste.html>> [Acesso em: 03/12/2014].
- LOBATO, Monteiro. *Viagem ao céu e o Saci*. V. 2, São Paulo: Editora Brasiliense, 1958. p. 168-275. (Obras Completas de Monteiro Lobato).
- LOVECRAFT, Howard Phillips. *El horror en la literatura*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- PIAI, Arlete e PACCINI, Maria Júlia. *Viajando pelo folclore de norte a sul*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROAS, David (2011): *Teorías de lo Fantástico*, Arco/Libros, Madrid.
- SUAPESQUISA.COM/FOLCLORE/BRASILEIRO. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_cuca.htm> [Acesso em: 03/12/2014].
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello, São Paulo: Perspectiva, 1975.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Chegou: 08-03-2015

Aceito: 16-03-2015